

Levando o conhecimento à floresta

Membros de aldeias indígenas fazem curso de Biologia e retornam para ensinar o seu povo

Silvana Bittencourt

A Embaixada dos Povos da Floresta, no bairro paulista de Caxingui, receberá visitantes ilustres na próxima quarta-feira. Almir Suruí, Bruno Ticuna, Carlos Krenak, Geraldo Yanomani, Gildo Ticuna e Jamiro Xavante estarão lá nesse dia para receber o diploma da Universidade Católica de Goiás (UCG), que os credenciará como a primeira turma indígena do Brasil formada em um curso de extensão em biologia para atender as necessidades de seu povo. Com o "canudo" nas mãos, eles não irão se trancafiar em escritórios ou buscar um emprego nos anúncios de jornais, mas retornarão às suas aldeias para ensinar os parentes a repovoar os rios assediados por pescadores profissionais, reflorestar as matas destruídas por madeireiros, trazer de volta os animais desaparecidos, plantar sem usar defensivos agrícolas e danificar o solo.



Os formandos retornam às suas aldeias levando na bagagem importantes ensinamentos

VER
50

Indicados por suas tribos - Suruí, de Rondônia; Ticuna, do Amazonas; Krenak, de Minas Gerais; Yanomani, de Roraima; e Xavante, do Mato Grosso - os jovens índios, na faixa etária de 19 a 28 anos, aceitaram o desafio de enfrentar o desconhecido na Cidade e na sala de aula para viverem uma experiência inédita e ajudarem na recuperação das reservas. "Eu não sabia o que era biologia. Os professores não ensinavam nada sobre a natureza, só as coisas que estão escritas nos livros", contou Gildo Ticuna. Depois do curso de três anos, realizado pelo Departamento de Ciências Biológicas e Biomédicas da UCG em convênio com o Núcleo de Cultura Indígena (UNI), os seis estudantes deixarão Goiânia nos próximos dias com conhecimentos sobre criação de peixes e camarões nativos para repovoamento, manejo de animais silvestres, botânica aplicada para espécies nativas, agricultura regenerativa, diagnóstico de ambientes degradados, aproveitamento de recursos naturais renováveis e

AULAS PRÁTICAS

Alguns alunos chegaram na Universidade até mesmo sem o domínio da língua portuguesa, como foi o caso de Geraldo, um dos poucos Yanomani a sair da aldeia. As diferenças culturais obrigaram os professores a adotar métodos didáticos alternativos, abandonando as práticas tradicionais do giz e quadro negro em favor das pesquisas de campo. "Não adiantava eu explicar o que é um microscópio, por exemplo. Para que eles entendessem era preciso mostrar o objeto, fazê-lo funcionar e deixar o grupo viver a experiência", relata o zoológico Luiz Augusto da Costa Porto, um dos professores da turma. Por isso, a teoria tomou um pequeno espaço do curso, e as viagens de estudo predominaram. Os índios conheceram, entre outras, as experiências da Escola Superior de Agricultura em Piracicaba, da Reserva Ecológica do IBGE em Brasília, do Parque Zoológico de Goiânia, do Centro de Pesquisas Agropecuárias da Embrapa no Pantanal, no Distrito Federal e no Mato Grosso do Sul. Além disso, participaram de seminários e palestras, que contribuíram para sua formação.

A turma demonstrou grande interesse nas tarefas de campo, atesta Luiz Augusto Porto, mas teve problemas nas salas de aula para interpretar informações fundamentais ao curso, como as unidades de medida, que não fazem parte de seu cotidiano. "Eles não estão acostumados a trabalhar